



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

Órgão do Partido
Operário Revolucionário

(11) 95446-2020 pormassas.org

Nº 23 - 14/07/2025



Declaração do Partido Operário Revolucionário (POR)

Em defesa da independência e soberania nacionais!

Derrotar a ofensiva de Trump com o programa, a organização e os métodos da classe operária

O Brasil recebeu um ultimato do imperialismo norte-americano. Tem até o dia primeiro de agosto para responder. Distintamente dos demais países que foram taxados, Trump agregou exigências de ordem estritamente interna: 1) livrar Bolsonaro e seus asseclas do processo referente à tentativa de golpe de Estado; 2) revogar a regulamentação das redes sociais pelo STF; 3) acabar com a aspiração e apoio de Lula a uma parcela dos componentes do Brics de criação de uma moeda não sujeita ao padrão do dólar.

No caso do tarifaço, o Brasil padece de um alto déficit em sua balança comercial com os Estados Unidos. Na investida inicial, Trump ditou a tarifa geral de 10% e taxou em 25% o aço e alumínio. Elevou para 50%, alegando determinadas justificativas políticas. No caso particular das redes sociais, o imperialismo reagiu em defesa de seu monopólio da informação: abriu um processo nos Estados Unidos e visou a figura do ministro do Supremo Tribunal Federal, Alexandre de Moraes. No terreno geral da guerra comercial, o imperialismo ataca a decisão do governo Lula de fortalecer o Brics, que tem a China como seu pilar de sustentação.

Trump aguardou o final da reunião dos Brics, realizada no Rio de Janeiro, nos dias 6 e 7 de julho, para desfechar seu ataque. Qualificou o Brasil como um dos agentes do antiamericanismo. Embora não seja correta a qualificação, indica que o Brasil deve de se alinhar aos Estados Unidos em sua guerra comercial que tem por alvo principal a China, e se submeter à sua estratégia de guerra na Faixa de Gaza e na Ucrânia.

O ultimato de Trump à burguesia brasileira e, sobretudo, ao governo Lula, valendo-se da guerra comercial, para que se alinhem com os Estados Unidos, expressa o avanço da crise mundial e a polarização marcada pelas guerras no Oriente Médio e na Europa. No fundo, os Estados Unidos agem sobre o Brasil para conter a marcha da penetração dos negócios chineses na América Latina, como parte do enfrentamento mundial, cujas particularidades se manifestam nos distintos continentes.

A burguesia brasileira, amplamente colonizada pelos Estados Unidos, se viu forçada a aceitar o crescente comércio com a China, para compensar às limitações comerciais das potências. O que implicou

a penetração dos capitais chineses, identificados com a estratégia da Nova Rota da Seda, resultante do processo de restauração capitalista iniciado em meado de 1970, impulsionado nas décadas de 1980 e 1990 e potenciado nas décadas seguintes.

O Brasil e os demais países semicoloniais, guardadas as diferenças, vêm sendo arrastados pela guerra comercial das potências, que têm por carro-chefe os Estados Unidos. Ao lado do México e da Argentina, ocupa um lugar sensível na América Latina, devido ao grau de industrialização alcançado. Tem ainda a importância estratégica pelo potencial de seus recursos naturais, que estão em disputa na guerra comercial. É obrigatório incluir nesse marco os ataques sistemáticos dos Estados Unidos e de seus aliados europeus ao regime nacionalista da Venezuela, que está entre os países detentores das maiores reservas de petróleo do mundo.

A ultradireita chefiada por Bolsonaro reafirma seu caráter antinacional e seu servilismo aos Estados Unidos. É escandalosa a facilidade com que o deputado licenciado Eduardo Bolsonaro usa seu mandato e o dinheiro público para conspirar nos Estados Unidos contra o Brasil, em nome da “democracia e da liberdade”. O fato de a família Bolsonaro ter alcançado tamanho poder reflete a falência histórica da burguesia nacional e a decomposição do Congresso Nacional oligárquico.

A nota emitida pelo presidente do Senado, Davi Alcolumbre, e da Câmara dos Deputados, Hugo Motta, é a prova cabal da submissão aos ditames do imperialismo norte-americano e, em especial, da política de Trump. Recomendar cautela e disposição ao governo de negociar sem esboçar qualquer reação dá a exata dimensão da covardia das forças burguesas antinacionais. O apoio dos governadores, como Tarcísio Freitas (SP), Ronaldo Caiado (GO) e Romeu Zema (MG), autodeclarados candidatos à presidência da República, ao ataque de Trump, somente é possível porque a burguesia brasileira, as forças políticas dominantes e as instituições estatais estão profundamente entrelaçadas e amarradas ao domínio imperialista. Não se poderia, evidentemente, esperar outra conduta política dessa fração da política burguesa.

Lula, dirigentes do PT, PSOL, PCdoB e sindicalistas em geral reagiram em palavras contra a vio-

lação da soberania do Brasil. Mas, evitaram condenar o ultimato dos Estados Unidos como sendo um ataque imperialista e responder não só aos bolsonaristas, mas a todos que contemplaram a linha de não reagir à altura, como fizeram os presidentes do Senado e da Câmara Federal, na condição de traidores dos interesses nacionais.

A manifestação em São Paulo, que inicialmente era para defender a política de Lula diante da derubada do decreto presidencial do Imposto sobre Operações Financeiras (IOF), e se transformou em um protesto contra o tarifaço de Trump, teve por conteúdo o patriotismo pequeno-burguês como conteúdo da soberania nacional. A bandeira de “Unidade Nacional” aventada desde as hostes do governo petista teve por orientação a procura do apoio dos setores burgueses mais afetados, como os capitalistas da agroindústria, cuja posição capituladora foi expressa no Congresso Nacional pela Frente Parlamentar da Agricultura.

A reclamação da soberania nacional, ecoada da direita burguesa à esquerda pequeno-burguesa, logo se mostrou como uma máscara, que serviu para ocultar o rosto das forças contrárias a uma linha de confrontação aos interesses imperialistas da burguesia norte-americana e a uma posição nacional de afronta à política de guerra comercial de Trump. Passado o clamor da surpresa, a tendência é a de prevalecer a acomodação política, em boa parte exigida pela agroindústria mais bem implantada no Sudeste e Sul do país.

O nacionalismo burguês historicamente esgota-dão dificilmente poderá ser reacendido como força política aglutinadora das massas. E o patriotismo pequeno burguês, exalado pelo discurso de Guilherme Boulos (PSOL), na manifestação em São Paulo, é impotente. Até o momento, ressoam imperativamente as vozes da burguesia e de seus representantes, em nome da “soberania” e de uma solução negociada com Trump. As vozes da classe média seguem a do governismo.

A classe operária continua à margem. As travas montadas pelos anos de dominação da burocracia sindical colaboracionista, por enquanto, tem impedido que o proletariado soltasse e solte sua voz própria. O que não quer dizer que não tenha voz de classe revolucionária, pelo lugar que ocupa nas relações de produção e pelo instinto comunista de revolta.

As medidas de Trump dirigidas contra a economia brasileira atingirão duramente os explorados, que já não suportam a carga do desemprego, do subemprego, da informalidade, do salário mínimo de fome, enfim, da pobreza e da miséria. Está aí a importância da vanguarda com consciência de classe desenvolver uma linha política-programática do proletariado.

A crise mundial do capitalismo condiciona em grande medida a situação interna do país. Esse é o fator que determina a incapacidade do governo

Lula de encarnar a luta dos explorados pela independência e soberania nacionais. Como serviçal, em última instância, do grande capital, acabará cedendo às pressões do imperialismo e comprometendo ainda mais a economia interna em favor da externa comandada pelas forças dos monopólios e do capital financeiro.

No embate em torno ao IOF, Lula e aliados deixaram ainda mais claro que são fieis servidores do capital parasitário que obriga o Brasil a arcar com uma gigantesca dívida pública e uma carga de juros que compromete a capacidade mínima do Tesouro Nacional. O PT e seu círculo de seguidores de esquerda estão pela proteção da dívida pública. São contra a bandeira de não pagamento e expropriação dos banqueiros. Nessa questão, está impressa sua falência em combater as forças do imperialismo.

O governo Lula pode usar do verbalismo sobre a soberania e as vantagens do multilateralismo, mas na prática está sujeito ao que ditar a burguesia nacional. A ultradireita bolsonarista e as variantes da direita são antinacionais por excelência, e as esquerdas burguesa e pequeno-burguesa são impotentes para defender a soberania da nação oprimida. A história já demonstrou que para enfrentar o imperialismo a classe operária tem de estar à frente da maioria oprimida em combate à própria burguesia nacional que as espoliam.

A bandeira de Unidade Nacional burguesa e o patriotismo pequeno-burguês são desvios e anteparos à luta de classes do proletariado e da maioria oprimida. O Brasil está diante de uma violenta ofensiva do imperialismo e a resposta tem de ser anti-imperialista, portanto, proletária. O programa de expropriação do grande capital e o controle operário da produção emergem objetivamente da ofensiva de Trump, não só contra o Brasil, mas contra todos os países de economia atrasada e semicolonial.

As multinacionais norte-americanas podem e devem ser expropriadas sem indenização e nacionalizadas em resposta ao cerco econômico ao Brasil. Para isso, está posta a constituição da frente única anti-imperialista, sob a direção da classe operária. É nesse campo que se colocará a unidade nacional da classe operária, dos demais trabalhadores urbanos e dos camponeses pobres.

O Partido Operário Revolucionário (POR) defende que as centrais, sindicatos e movimentos organizem a frente única anti-imperialista, realizando assembleias e organizando os comitês de base. Chama as correntes que se reivindicam do socialismo a exigir das organizações das massas que convoquem imediatamente um Dia Nacional de Luta, com paralisações, manifestações e bloqueios em defesa de um programa próprio dos explorados.

Derrotar os ataques de Trump, pondo em pé uma frente única anti-imperialista!

Combater a dominação imperialista com o programa da revolução social!

